

Fundação Getúlio Vargas

JORGE F. KAFURI

Professor da Escola Nacional de Engenharia.
Membro da Comissão de Planejamento Econômico.

(Palestra realizada no Rotary Club do Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1944)

1. No período 25/44, enquanto a Produção Primária do País cresceu de 80%, a Industrial cresceu de 300%, igualando-a e ultrapassando-a no conjunto da Produção. As atividades industriais expandiram-se vigorosamente, tentando, no momento, sobrelevar as tradicionais e seculares atividades econômicas do Brasil. Em que pese a influência da guerra na intensificação episódica do esforço industrial, não se pode deixar de reconhecer que a industrialização brasileira a ela antecede, como produto autônomo do laboratório evolutivo das nossas forças de criação da riqueza. Representa um processo de alteração da estrutura econômica, a transposição de um ciclo e o advento de um novo estilo de vida para o povo brasileiro.

PRODUÇÃO BRASILEIRA — NO PERÍODO 25/43
(MÉDIAS ANUAIS POR QUINQUÊNIO)

ANOS	SUBSTÂNCIAS ALIMENTARES Toneladas	VALOR DA PRODUÇÃO			
		PRIMÁRIA	INDUSTRIAL %	TOTAL	
25/29	14	9	4	30	13
30/34	17,3	8	3,6	31	11,6
35/39	18,9	12,4	8,8	41	21,2
40/43	19	15,8	16,2	50	32

A produção primária aumentou de..... 80%
A produção industrial aumentou de..... 300%
A produção total aumentou de..... 170%
A população aumentou de..... 26%

2. Data de alguns anos a campanha sistemática em prol da renovação do Brasil em base industrial. Iniciativas particulares se antecipavam nesse caminho. Enquanto isso, vozes mais poderosas dos setores econômicos, políticos e intelectuais erguiam-se no sentido de se fazerem criar as condições a ela imprescindíveis.

E quais essas condições mais importantes?

- 1.º — A indústria dos metais, a começar pela indústria básica do ferro;
- 2.º — o transporte;
- 3.º — a força motriz;
- 4.º — a mão de obra, a Tecnologia avançada, a Organização Racional.

Sem ampla e rápida realização de tais condições, ou a industrialização não se faz, ou, se iniciada por ingente esforço de desbravadores anônimos, condena-se ao perecimento.

Isso foi largamente compreendido, mercê da visão de um pugilo de homens que vislumbrou a nova idade do Brasil. Assim, a primeira condição enunciada, a *Indústria dos metais a começar pela indústria básica do ferro*, encontrou sua corporificação em Volta Redonda. Sem a produção de aço, sem chapas, perfis e laminados de toda espécie, obtidos do nosso próprio minério, a custo baixo e técnica perfeita, a industrialização do Brasil seria mais um artifício do que uma realidade.

Volta Redonda é o primeiro fundamento sólido, o primeiro marco das medidas assecuratórias daquela renovação ansiosamente desejada.

3. No que tange à Força Motriz e ao Transporte, a Nação ainda hesita. Não reuniu nem forças, nem decisão para empreender, nesses setores de importância indisfarçável, obra de linhas homólogas às de Volta Redonda. Os problemas, porém, estão em curso e queremos vivamente acreditar em uma pronta solução.

Além dessas condições de Siderurgia, Fôrça Motriz e Transportes, a industrialização reclama *equipamento adequado, mão de obra adestrada e abundante, organização racional e orientação científica*. Nesse terreno, precisamente, situa-se a Fundação Getúlio Vargas.

Examinemos êsse fato de modo sucinto, fazendo compreender o que êle representa para o futuro do Brasil.

4. No que concerne ao equipamento, a indústria, em seu esqueleto material, é sobretudo a máquina que potencia, amplifica, sistematiza e acelera. Porém, não lhe basta ser mecânica. Para sobreviver no quadro da concorrência internacional, faz-se-lhe mister um permanente combate ao obsoletismo. Ou acompanha o progresso, ou perece, resumindo-se o seu lema na exigência constante de máquinas aperfeiçoadas e cada vez mais aperfeiçoadas.

5. Por ser mecânica, não prescinde a indústria da energia do homem, cujo esforço a dirige, anima e comanda. O homem é o seu motor como, para tôdas as atividades, o único *fator*, o que faz, move, age e cria. Se a indústria pede máquinas aperfeiçoadas, correlativamente reclama *trabalho* também aperfeiçoado e de alta qualificação.

De resto, essa exigência não é privativa da indústria. No campo, na mina, no escritório e na repartição, ela, por igual, se faz sentir. Pois, em todos os setores, vivemos a idade da intelectualização do esforço e da mecanização generalizada.

6. A eficiência do trabalho depende de várias circunstâncias cuja análise a ciência já realizou. Não conviria, entretanto, silenciar três ordens importantes de circunstâncias decisivas, a saber:

- 1.º — a *adaptação do agente humano* à forma da atividade que normalmente vai exercer;
- 2.º — a *preparação tecno-profissional* para essa forma de trabalho; e
- 3.º — o *moral* para o trabalho.

7. A adaptação é de importância básica. O indivíduo pode trabalhar exteriorizando ou não suas energias pelas linhas naturais de seus pendores. Fazê-lo, é abrir as portas à eficiência; contrariá-lo, é fechar essas portas; é matar em seu nascedouro as mais formidáveis possibilidades do homem; é delapidar o manancial de suas energias latentes de criação.

Quem trabalha seguindo suas vocações, cedo encontra a *paixão pelo trabalho*, e passa a agir como o artista que imprime a tudo quanto faz, os signos e os requintes das obras de arte. Quando o ofício, porém, não mais se casa às aptidões, abre-se para o operário, o artífice e o artesão, para o homem que luta em qualquer ramo da atividade, a tortura do trabalho, que o trabalho lhe passa a repugnar transformando-o ou no eterno revoltado da vida, ou no manso conformado com a servidão de seu esforço. À *paixão pelo trabalho*, substitui-se a repugnância pelo trabalho. À sensação da liberdade, o sentimento da servidão; à alegria da vida, a melancolia do destino; à eficiência do esforço, o desperdício da energia; à perfeição da obra, o aviltamento do produto, numa vasta delapidação de valores ergológicos, econômicos e morais.

O inadaptado, sem o querer e sem culpa, é um mau indivíduo, um mau empregado, um mau cidadão; é um incapaz, um eterno descontente, perigoso para si, para a economia e para a sociedade.

O aproveitamento do homem segundo seus pendores vocacionais representa uma condição da eficiência ergológica; a base da recuperação econômica da energia humana; os fundamentos da reestruturação da sociedade em moldes novos capazes de assegurar, aos indivíduos, mais riqueza e mais tranquilidade. Sem exagêro, a orientação e a seleção formam entre os fatores essenciais à reconstrução de um mundo mais feliz.

8. A preparação técnica está indissolúvelmente ligada à adaptação. Descobertas as *aptidões* dos agentes humanos, urgirá transformá-las, pela

educação, pelo treino e pela instrução, em *capacidades técnicas*. Isso, para forjar-se o trabalhador consciente de sua profissão e de seu preparo e que possa dizer, orgulhosamente, que *sabe trabalhar, o que sabe fazer e o que pode realizar*.

Nada mais desolador do que interpelar-se um candidato a emprêgo sôbre a natureza do serviço que deseja prestar. Nunca sabe o que pode fazer; responde sempre pela evasiva, de modo vago, com um "mais ou menos" conciliador, rogando, ansioso, para que lhe conceda a oportunidade de experimentar um trabalho qualquer, porque "pode ser que praticando" dê resultado... Em geral, não estando aptos para nenhum trabalho definido, sabem fazer tudo nada sabendo fazer.

Aqui defrontamos o mais grave problema do desenvolvimento econômico e administrativo, o maior obstáculo à industrialização que vai encontrar terrível resistência no despreparo e ingenuidade da nossa mão de obra.

Em verdade, os nossos escritórios, os nossos "bureaux", os nossos "ateliers", não são oficinas de trabalho produtivo de rendimento normal. São onerosíssimas *escolas de aprendizagem*. Nelas os improvisados discípulos se disputam o mérito desvalioso do autodidatismo obtido à custa de tremendo desperdício de tempo, dinheiro, material e equipamento.

Nos locais de trabalho pululam aprendizes crônicos, amadores e curiosos do ofício e da profissão. Não lhes cabe culpa. Não tiveram nem escola, nem outra oportunidade, a não ser a do próprio trabalho, para aprenderem a trabalhar.

O esforço até agora desenvolvido, no sentido de se preencher esta grave lacuna, é diminuto. E convenhamos que sem oficinas-escola de alto requinte técnico e sem mestres que sejam profissionais de longo curso, trazidos do estrangeiro expressamente para êsse fim, não conseguiremos, tão cedo, alcançar a emancipação técnica da nossa mão de obra nos diferentes degraus da sua especialização.

Tais considerações assumem importância decisiva frente às necessidades não só da industrialização, mas da melhoria do trabalho para todos os ramos das atividades do País.

Urge adestrar o nosso homem, transformando-o numa capacidade operativa de eficiência à altura do rendimento das máquinas. Ou cuidamos de dar personalidade profissional ao nosso trabalhador, ou jamais teremos indústria. Ou promovemos a educação técnica e profissional já e já, ou pereceremos como Nação industrial.

9. O bom equipamento e a boa mão de obra são feitos um para o outro. Mas só se casam pelos laços da organização que é, também, um instrumento, e poderoso, da eficiência e do sucesso.

Não caberia aqui discorrer sôbre a essência, os princípios e o conteúdo desta arte mágica de condução da atividade humana.

Permitir-me-ei, entretanto, apresentar alguns dados recentíssimos sôbre o inusitado poder dêste instrumento imaterial, feito de lógica e de bom senso. Para a fabricação, nos EE. UU., de certa máquina de guerra eram necessários, em 1940, cêrca de 200.000 homens-hora. Com a racionalização intensa, sobretudo dos métodos de montagem, conseguiu-se, em 1944, baixar êste número para 8.500 homens-hora. Eis aí uma economia de cêrca de 192.000 homens-hora quase tôda devida a uma nova organização. Outros exemplos e outros números semelhantes poderíamos aqui trazer, todos êles indicadores da formidável liberação de energia humana que a organização permite. É uma arte, por excelência, criadora de homens-hora, libertadora de braços que poderão ser utilizados em outros pontos de operação. E como isso é valioso, seja nos momentos em que escasseia a mão de obra por excesso de demanda, seja nos países em que a densidade demográfica é inquietantemente baixa!

Tal é o nosso caso.

As estatísticas revelam que, nas áreas industriais, não ocorrem nunca densidades inferiores a

80 habitantes por km². Como realizar a nossa industrialização com o potencial de mão de obra de que dispomos? Ou arrancaríamos braços à lavoura para trazê-los para a indústria, e nesse caso não faríamos agricultura, ou deixaríamos o homem rural na sua gleba, e nesse caso não faríamos indústria.

Recordemos que a cidade de São Paulo viu sua população aumentada, nestes quatro últimos anos, de cerca de 400.000 habitantes, em boa parte operários rurais transformados, por estranha alquimia, em operários industriais! É claro que a organização por si só não liberaria todos os homens de que necessitamos. O apêlo à imigração é inevitável. Mas não podemos, de um momento para outro, inundar o País de elementos alienígenas e nem multiplicar os nossos 12 milhões de braços por um fomento vesgo da natalidade. Mas podemos reforçá-los, aí sim, pela organização. Orientados e selecionados, técnica e profissionalmente educados, é possível, pela organização, decuplicar os nossos poucos milhões de operários, realizando, como realizaram os Estados Unidos, o milagre da recuperação da energia humana pelo racionalismo da atividade produtora.

10. Para completar o quadro das condições essenciais à transformação da estrutura econômica, restar-nos-ia uma referência à necessidade de orientação científica das atividades de produção e administração. Urge elaborar e executar um vasto programa de análises regionais de caráter técnico, econômico, financeiro e administrativo, tanto no plano privado, quanto no plano público, a fim de que a exploração dos recursos naturais, o desenvolvimento das atividades econômicas e a ação administrativa dos órgãos do Estado se completem de modo a favorecer o progresso do País.

Além dessas pesquisas regionais, incumbe, ainda, incentivar o desenvolvimento das pesquisas tecnológicas diretamente ligadas às nossas indústrias, com amplo exame de métodos e processos de fabricação em todos os terrenos, no mecânico, no elétrico, no químico e no metalúrgico.

11. Atingimos aqui o ponto culminante da nossa palestra. Assim como o problema da Siderurgia não se resolveria sem Volta Redonda, os problemas do trabalho, da organização racional e da orientação científica da produção e da administração não se resolveriam sem a instituição de um organismo de mesmo porte. E essa instituição, graças à visão e à vontade forte de Luiz Simões Lopes, já pode ser anunciada ao Brasil. É a Fundação Getúlio Vargas que, sem ser uma obra estritamente governamental, é o fruto de um concurso feliz da inteligência e dos recursos das ordens privada e pública.

Dizem os seus Estatutos: — é uma instituição de caráter técnico-educativo, com o objetivo de educar e instruir, visando, precipuamente, aos problemas da racionalização do trabalho e à adaptação de seus métodos às condições do nosso meio. Estabelecem como fins: —

- 1.º — promover estudos e pesquisas em qualquer campo de atividade, pública ou privada;
- 2.º — formar e aperfeiçoar pessoal para qualquer empreendimento, público ou privado;
- 3.º — constituir-se em centro de documentação que sistematize e divulgue conhecimentos técnicos, princípios e normas gerais de administração;
- 4.º — planejar e organizar qualquer serviço ou empreendimento, executá-lo ou prestar-lhe assistência técnica;
- 5.º — concorrer para melhor compreensão dos problemas de administração, para o seu estudo e debate.

Para atingir tais fins, a Fundação manterá centros de estudos, de seleção, orientação e ensino, de documentação e organização — onde convier — próprios ou em cooperação com outras entidades.

12. O confronto das finalidades e objetivos estatutários com a série de ponderações que vimos

de fazer sobre os problemas do Brasil, leva-nos a concluir, sem resquícios de dúvida, que a Fundação Getúlio Vargas não constitui produto de visãoária teimosia e nem antecipação apressada de um futuro remoto. É, pelo contrário, resultado de uma compreensão clara, profunda e oportuna de uma grande realidade brasileira e de um dos mais importantes sistemas de suas necessidades econômicas, sociais, administrativas e políticas.

Na linha dessa compreensão, Volta Redonda ocupa o primeiro marco. A Fundação Getúlio Vargas, o segundo. Volta Redonda é a reação consciente no domínio da Siderurgia, visando a forja de aço. A Fundação Getúlio Vargas é a reação consciente do domínio do trabalho, visando a forja do homem. E não se limita ao quadro da vida industrial. Estende-se ao quadro total das atividades da Nação, abrangendo o privado e o público, o econômico e o social, a organização e a administração.

O seu idealizador percebeu que o Brasil se atrai para uma idade nova, e que nessa idade não há lugar para o ser medíocre e despreparado, senão para o homem eficiente e destro, ágil de braços e de espírito, membro de uma comunidade na qual reponem, em abundância, talentos profissionais, econômicos, políticos e culturais.

13. A Fundação Getúlio Vargas não pode, assim, constituir um episódio inexpressivo e vulgar da vida brasileira. Nascida das profundezas dos mais importantes problemas da nacionalidade,

deve despertar o interesse de quantos compreendem e amam o Brasil, de quantos sofrem porque não n'a tiveram antes, de quantos trabalham e produzem tropeçando com ingentes obstáculos.

A intelectualidade brasileira a ela se rendeu irrestritamente. Não menos a indústria e o comércio por expressivos representantes de sua pujança e por contribuições que lhe possibilitarão insólita arrancada. Esse interesse deve ir alargando-se em progressão rápida de modo a conquistar a unanimidade de aplausos das nossas forças econômicas. No dia em que seus primeiros frutos se colherem, o Brasil inteiro a ela se renderá porque nela enxergará, de modo vivo e palpitante, a escola ativa e o laboratório precioso da sua civilização.

E ela foi obra de um homem. De Luiz Simões Lopes. O reorganizador do Serviço Público do Brasil. O visionário da sua grandeza pela preparação técnica do trabalhador. Sentindo o problema arder em suas próprias mãos e enfrentando-o em seu limitado setor, compreendeu o drama do Brasil que trabalha e que se esforça por emergir para um nível melhor. Tomou-o corajosamente e, amparado pela compreensão serena, aberta e realizadora do Chefe do Governo, deu-lhe solução inesperada e brilhante — a Fundação Getúlio Vargas.

Vigorosamente assistida do apoio de expressões prestigiosas da vida brasileira, constituirá uma das forças vitoriosas do nosso porvir.